Psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento publicado em 12.03.2017

EROS & TANATOS: FAMÍLIA E EXPRESSÃO ARTÍSTICA

2017

João Luís Cruz Bucho
Psicólogo, Membro Efectivo da OP nº 10664
Mestre em Criatividade e Inovação, Doutor em Psicologia
Membro fundador da Vivenciarte-Associação Internacional de Terapias Expressivas
Autor do livro "*As terapias expressivas e o barro: espelho do corpo e da alma*"

Contatos:
joaobucho@oninet.pt
www.joaoluisbucho.com

RESUMO

Ao longo deste artigo, será abordada a relação existente entre a expressão artística e a família. Da mesma forma, que o artista perante uma folha em branco, sem qualquer indicação a tomar, ou direcção, se encontra perante ele mesmo, numa relação de ambivalência entre o prazer e o desprazer, a aventura e a descoberta, mas também de angústia e de sofrimento, a família encontra-se sujeita a inúmeras forças de atracção e de oposição que devem ser bem manejadas, para que a obra artística, o viver em família seja o mais harmonioso possível. Trata-se de um projecto dialéctico e dialógico, que integra o inconsciente e o consciente, o irracional e o racional, a fantasia e o real, a vida e a morte, o bem e o mal, a vitória e a derrota, o caos e a ordem, num movimento construtivo e criativo, onde os elementos da família são os principais protagonistas e onde são a todo o momento seres transformados e transformadores, pela acção criativa e criadora da vida, ou seja da expressão artística.

Palavras-chave: Eros, Tanatos, criatividade, Apolo, Dionísio, família

Copyright © 2017.
This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

DESENVOLVIMENTO

Neste artigo, que teve por base um texto apresentado sobre a forma de comunicação à *Associação Portuguesa de Psicoterapia Psicanalítica de Casal e Família - POIESIS*, pretende-se fazer uma abordagem reflexiva, sobre de que forma a expressão criativa poderá ajudar a superar crises e situações problemáticas, quer na terapia do casal quer na da família.

Este tipo de terapia, é realizada quando o equilíbrio, a harmonia do casal e da família se encontram afectados, ou seja, quando existem sinais problemáticos, evidentes, que prejudicam a relação entre os membros e que são desencadeadores de um momento de crise.

Em qualquer relação e neste caso no casal, a relação amorosa sofre desgaste com o tempo, agravando-se pelas rotinas diárias, assim como pela própria intimidade que é vivida, a dois, daí que possam surgir diversas situações que podem ser factores de ruptura e até de afastamento entre os dois elementos e que poderão ser dos mais diversos tipos e origens, tais como:

- Problemas/dificuldades de comunicação entre o casal;
- Questão de infidelidade (s);
- Questões de ciúmes, falta de confiança, respeito, reconhecimento;
- Dificuldade de relacionamento com sogros (as);
- Nascimento de uma criança;
- Problemas financeiros;
- Problemas emocionais;
- Doenças graves de familiares;
- Vida sexual inexistente, ausência de prazer;
- Rotinas, falta de interesse, desejo e paixão acabou;
- Etc. …

Como facilmente se verifica, o vínculo que se cria entre marido e mulher, entre os elementos do casal, é sujeito a inúmeras adversidades e questões que na relação do dia-a-dia são constantemente colocados à prova, reforçando-o ou até mesmo enfraquecendo-o, levando a situações de ruptura e de separação eminentes.

A evolução sentida graças ao avanço da ciência e da tecnologia, deu origem a uma nova sociedade em rede, marcada pela massificação e pela globalização, onde impera o hiperconsumismo (Lipovetsky, 2010, 2012), a competividade e o individualismo, pondo a descoberto um novo Homem, interessado no sucesso pessoal, na fama, no seu próprio prazer e no estrelato a todo o custo, procurando a maximização da satisfação dos seus desejos e das suas necessidades, conduzindo a um maior isolamento das pessoas, afastando-as das tradicionais noções de colectividade (Lipovetsky, 1983, 2010, 2012; Harvey, 1998).

Nesta cultura narcísica e estimuladora de homens narcísicos, por vezes o sujeito toma atitudes e comportamentos que revelam falta de respeito e até mesmo violação de direitos, em relação aos outros e até em relação à natureza e aos animais. Vivemos numa sociedade do espactáculo (Debord, 1967), numa cultura do imediatismo, onde tudo é utilizado e descartado a toda a hora, a uma velocidade estonteante, as relações tornam-se também cada vez mais frágeis e rapidamente o outro, aquele que era considerado como objecto de amor, passa a ser encarado como objecto de prazer individualista, sendo afastado e substituído, deteriorando-se as relações e advindo daí separações, afastamentos e crises no casal.

Neste sentido, nos dias actuais e muito devido à enorme complexidade, à vida acelerada, competitiva e turbulenta a que todos estamos sujeitos, é evidente que o casal, independentemente da configuração familiar que apresente, esteja cada vez mais sujeito a diversos estímulos intrínsecos e extrínsecos, que podem fazer perigar e desgastar este mesmo vínculo relacional e que podem ir desde os desejos e a ambição pessoal, a carreira profissional, até mesmo a pressão profissional, o desejo ou não de ter filhos, entre muitos outros. A própria família está sempre em constante alteração, o que implica por si mesmo, diversos momentos de crise e mudança.

Se no passado, o que se passava dentro de casa era escondido e silenciado, hoje a liberdade, a flexibilidade e até mesmo a diversidade de opções é maior, discute-se o assunto abertamente, travam-se discussões e reflexões dentro e fora da família, com amigos, vizinhos e o que é da esfera do casal e da família estende-se ao social.

As crises, as rupturas e instabilidades, podem ser minoradas e até mesmo ultrapassadas, desde que se consiga abrir uma porta, para o diálogo consciente e responsável, sobre o (s) motivo (s) que estão na base da discórdia, do quebrar do vínculo. Para isso, existem técnicos com formação especializada na área, psicólogos do casal e da família, que o irão ajudar a visualizar de uma outra forma a situação e ajudar a gerir, da melhor forma, o seu caso, na tentativa de ultrapassarem obstáculos, barreiras, dificuldades e disfunções que o casal apresenta.

Somos de opinião, que o primeiro foco a abordar será a questão da comunicação, que na maior parte das vezes se encontra severamente afectada, entre os elementos do casal e da família. Através de uma boa comunicação, do ouvir e do escutar o outro, sem atropelos e com respeito,

consegue-se dar espaço e tempo para que os problemas possam ser encarados e ultrapassados de uma outra forma, muito mais equilibrada, mais assertiva e empática.

Na família, embora a configuração seja diferente e mais complexa enquanto grupo, esta aparece envolvida numa rede, na qual prevalecem dinâmicas internas muito próprias e específicas, resultantes da interacção de diversas forças, que aí actuam e formam relações entre as partes. Enquanto sistema[1], a família é um todo que se encontra em constante relação.

Cada parte interage com as outras, influenciando e saindo influenciado directamente e/ou indirectamente, transformando-as e saindo transformado. Caso uma parte do sistema – família se encontrar desajustada, poderá por em causa o todo, provocando alterações na sua arquitectura funcional e sendo motivo de destruturação da família.

A intervenção a realizar, quer no âmbito do casal, quer na família, tratar-se-á de promover comportamentos que possam ajudar a desbloquear uma determinada situação, para que os elementos a possam encarar de outra forma e superar as áreas conflituantes, reforçando os laços e os vínculos na sua relação e podendo superar a situação de crise, rumo à harmonia, ao equilíbrio e à felicidade.

Ao se trabalhar a comunicação, importa desde logo referenciar que iremos abordar neste artigo, outra forma de comunicação que na sociedade actual ocidental se encontra tão esquecida e até muitas vezes surge marginalizada, que dá pelo nome de **comunicação não-verbal**.

A sociedade actual é verbal, privilegia-se o poder da palavra, escrita e/ou falada, sendo as outras formas esquecidas e afastadas do dia-a-dia. Muitas das vezes até ouvimos dizer que o desenhar, o pintar, o dançar e o representar, entre outras formas de linguagens, são para as crianças e não para os adultos.

Vai daí, assustam-se os mais velhos, afastam-se e têm receio e medos em se empenhar nesta área, que é tão rica e que fornece tantas informações, nossas e do mundo que nos rodeia. Em contradição e como paradoxo, muitos outros até ministram acções de formação na área, cursos de criatividade em associações, institutos e universidades e nem sequer revelam ter formação, nem experiência prática na área.

Neste sentido e após a experiência vivencial proposta, de natureza expressiva e criativa, iremos abordar a relação entre a **Eros e Tanatos**, família e expressão artística.

---

[1] O enfoque sistémico está directamente relacionado com a Teoria Geral dos Sistemas criada pelo biólogo Austríaco Ludwig Von Bertallanfy (1972), na década de quarenta e que é usada em diferentes áreas do conhecimento desde as Ciências Sociais e Humanas, até ao campo das psicoterapias contemporâneas, na abordagem a problemas sociais como sistemas, unidades complexas de organização e de funcionamento. No caso da família, não é possível ver um sintoma de forma isolada, como algo pertencente a um membro da família ou do casal, mas sim como resultado da expressão, da interacção dos diversos membros. Neste sentido, o processo relacional e comunicacional de como a família se organiza e funciona, assume desde logo uma grande importância em todo o sistema.

Para isso e como suporte metafórico desta comunicação, recorremos a uma simples **folha em branco**, espaço neutro, que irá ser explorado através da expressão artística. A folha, representa em termos simbólicos, a terra bruta, o espaço mágico, de exploração, onde as múltiplas pulsões são activadas e é sentida de diferentes formas, por diferentes artistas, pintores, escritores e poetas.

A temática da **folha em branco** e da existência de um **sentimento de vazio**, tem sido um tema de debate em vários círculos e esferas de conhecimento e por vários autores de diferentes áreas e especialidades. Pode-se até dizer, que se trata de uma área que vai apaixonando várias pessoas e que os artistas confrontados com a questão de qual é a experiência que sentem, por que passam, perante uma tela virgem, uma folha em branco, fornecem diferentes respostas, que vão desde a angústia inicial, a *"tensão psíquica"* (Ostrower, 2008:27), até à ausência de qualquer angústia e ao sentimento de alegria e contentamento que sentem e que os faz movimentar e criar.

Sobre a questão da folha em branco, observemos atentamente os seguintes comentários:

> *"Uma página em branco é perfeita, tem luz, silêncio, harmonia, equilíbrio, muitas das características que perseguimos quando nos propomos fazer um desenho. Talvez por isso, às vezes, é difícil começar a desenhar. Como tantas vezes na vida, para construirmos algumas coisas temos que destruir e libertar-nos de outras. É assim que se começa um desenho: desafiando esse equilíbrio imbatível da página em branco."*
>
> Rego (2013: 11)

Deleuze & Guattari (1992:178), afirmam:

> *"O pintor não pinta sobre uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página branca, mas a página ou a tela estão já de tal maneira cobertas de clichés preexistentes, preestabelecidos, que é preciso de inicio apagar, limpar, laminar, mesmo estraçalhar para fazer passar uma corrente de ar, saída do caos, que nos tapa a visão"*

Pode-se entender que ninguém inicia algo de forma virgem, que o estado equivalente a vazio, em bruto, ao imaculado, o nu e cru da tela, não existe, quer isto dizer, que o pintor não pinta uma tela virgem, nem o escritor escreve sobre uma página em branco, este acto está sempre condicionado pelo conhecimento que advém da educação e da cultura, da percepção e da

memória, das experiências pessoais e colectivas, assim como dos desejos e necessidades e que constituem os chamados *"clichés"*.

Na nossa opinião, a tela em branco, assim como o papel em branco, são portadores de um princípio activo, vivo, uma matriz construtiva, que espera ser activada e estimulada, no confronto efectuado entre a matéria e o criador. Trata-se de um espaço vazio, desabitado, que rapidamente ficará habitado, cheio de personagens, do mundo real e fantasmático, de cores vivas e pulsantes, de palavras, recortes e imagens.

Transpondo esta ideia e indo mais além, a página em branco esconde por detrás do aparente vazio, a necessidade de despirmo-nos de estereótipos e ultrapassarmos paradigmas já existentes, tendo sempre presente que o rótulo irá limitar a criação. Trata-se de desaprender, de abandonar princípios já estabelecidos e olhar para o novo, para a folha com um olhar curioso, desafiante, diferente, livre de pré-conceitos.

O contacto perante esta zona embrionária, oferece desde logo, uma infinidade de possibilidades exploratórias, criativas.

José Avillez, conceituado chefe de cozinha e empresário Português, autor de diversos livros e programas de rádio e de televisão, em entrevista publicada na Revista Pública[2] em Dezembro de 2009, afirma que na composição dos diferentes pratos que confecciona *"todas as viagens que fiz, todos os cheiros que senti, todos os sabores que provei, todas as paisagens que vi, todos os desgostos que tive, estão presentes"*. Quando questionado sobre "*Como é que um desgosto, uma alegria, se reflectem na composição de um prato? Um exemplo"*, indica:

> *"Para poder explicar… Comecei a fazer há cerca de um ano psicanálise. Desde pequeno tento encontrar respostas onde se calhar não há respostas. Desde que faço, a minha criatividade na cozinha aumentou. Por causa das evocações. Porque desperta. Obriga a pensar por que é que aquilo acontece. O Picasso dizia que aos 14 anos sabia desenhar como Miguel Ângelo, mas só mais tarde aprendeu a desenhar como uma criança. O que quero dizer é que, na ausência de preconceito, as crianças são mais criativas e livres."*

Sobre o vazio e a angústia sentida, perante a folha em branco, ou a sua ausência, o melhor será lermos os comentários de alguns artistas Portugueses. Júlio Resende, em entrevista ao jornal

[2] Retirado de: http://anabelamotaribeiro.pt/55605.html

Diário de Notícias[3] em 1999, quando questionado sobre *"Sente a angústia da tela em branco?"*, deu a seguinte resposta:

> *"Há um embate que nos perturba e intimida. Quando se processa o primeiro contacto físico o que se segue está enriquecido de uma sensação de energia. No meu caso, vem mais do gesto que da cor. Vem do movimento de mão, de pincel. Que me lembre, só uma vez fiz um trabalho de uma assentada."*

"Costuma reflectir enquanto pinta?"

> *"Sim, infelizmente. São sempre momentos um bocado duros, e, quantas vezes, só são ultrapassáveis quando reiniciamos o gesto."*

Júlio Pomar, em entrevista ao Jornal de Noticias[4], em 08 de Agosto de 2015, quando questionado sobre: "*Quando tem uma tela virgem à sua frente, como é começa*?", deu a seguinte reposta:

> *"Fala-se muito no pavor da tela virgem. Isso nunca me aconteceu, nem mesmo quando era mais novo. Fui sempre um selvagem. Felizmente ou infelizmente, não sei. Nunca fiquei apavorado perante a epiderme nua da tela."*

Helena Almeida, outra das grandes artistas plásticas Portuguesas, em entrevista ao Jornal Expresso[5] em 25 de Dezembro de 2016, quando questionada **"***Como é que surgem esses desenhos que faz antes de fotografar?"* deu a seguinte resposta:

> *"Surgem a toda a hora, em qualquer lugar, às vezes até a ouvir uma conversa. Surgem como um relâmpago, de repente. Ou vêm a pouco e pouco. Por vezes surge uma ideia, e a partir de uma ideia que eu considero má chega uma boa ideia. É difícil explicar. Há muitos colegas meus que se queixam da angústia do papel branco, da tela branca. A mim, isso nunca me acontece. Nunca tive a angústia da tela branca. E se*

[3] Retirado de: http://anabelamotaribeiro.pt/julio-resende-136486

[4] Retirado de: http://www.dn.pt/portugal/interior/julio-pomar-talvez-tenha-sido-a-falta-de-ver-o-tejo-que-me-levou-a-desenhar-4720690.html

[5] Retirado de: http://expresso.sapo.pt/arquivos-expresso/2016-12-25-Helena-Almeida-Vou-vivendo-a-minha-vida-como-se-fosse-eterna

me acontecer saio daqui e vou dar uma volta. Acabou-se. Se não tiver uma ideia, também não venho [ao ateliê].”

João Feijó, conhecido artista plástico, que ultimamente tem pintado aguarelas em grandes dimensões, em entrevista ao *“Mutante”*[6], realizada em 17 de Dezembro de 2014, perante a questão “*Muitos são os artistas que falam em transmitir as suas emoções para a tela. Se lhe pedisse para descrever os sentimentos transpostos para cada quadro conseguiria, lembrar-se-ia?”*

“Conseguiria descrever a emoção, a hora e o momento em que os fiz. Tenho sempre todo o material preparado para quando a pintura me chama. A aguarela de cinco metros [de cumprimento], por exemplo, esteve 15 dias no chão do meu atelier. Olhava-a e assustava-me – um papel branco com cinco metros por metro e meio assusta muito. Conheço muitos pintores que aniquilam o branco pintando a tela com uma base, porque o branco é nada.

Segundo o artista plástico, em relação à questão: “ É austero?”:

“É. Olhar para um papel com cinco metros de cumprimento e tentar sentir o que podemos fazer ali, é complicado. Lembro-me que, quando estive a fazer a primeira aguarela, para o Vera, tive três horas a fazer só a primeira parte. Foi um misto de conflito e medo em relação ao que iria sair. Acho, porém, a peça muito boa (...) ”

Sobre esta questão do medo, o conhecido cartoonista Americano Chuck Jones[7] (1912 – 2002), que marcou a história da animação nos estados Unidos e em todo o mundo, tendo ficado conhecido pela série animada Looney Tunes, pelos desenhos do Perna-longa, do Coiote, do Papa-léguas, do Patolino entre muitos outros, indica que a *“ansiedade é a mola necessária da criatividade”* sendo *“o medo é um factor vital em qualquer trabalho de criação”.* Dá como exemplo, os pescadores das Ilhas Aran, na Irlanda, um dos locais de pesca mais difíceis do mundo, que dizem que quem não tem medo do oceano não deve pescar. O próprio Chuck Jones, chegou a confessar (Goleman, Kaufman, Ray, 2000:39):

[6] Retirado de: http://mutante.pt/2014/12/joao-feijo-artista-plastico/
[7] Site: http://www.chuckjones.com/

> *"Jamais na minha vida de cartunista fiz um desenho animado sem me deparar com este monstro: o medo (...); A ansiedade é a serva da criatividade. Mas o importante é reconhecer o medo e querer enfrentá-lo. O medo é o dragão, você é o cavaleiro. O cavaleiro que nunca suou por baixo da couraça, antes de entrar em combate, não foi um bom cavaleiro."*

Faya Ostrower[8] (1920 – 2001), artista plástica, educadora e autora de diversos livros sobre criatividade e arte, indica que em qualquer campo de criação, o sujeito terá de ser capaz de sustentar um estado de tensão, que se poderá prolongar no tempo, enquanto durar esse trabalho (Ostrower, 2008:74).

Maria Lynche, conhecida artista plástica Brasileira, que trabalha e vive no Rio de Janeiro, numa entrevista ao *"globo.com, máquina de escrever"*[9], realizada em 22 de Março de 2013, perante a questão *"Fale sobre o processo de criação das pinturas. Quando você se coloca diante da tela em branco, já tem uma ideia clara do resultado que espera? E que elementos te preocupam mais? As cores, a composição? Você fica angustiado ou é um processo tranquilo? E depois que expõe, olha para as obras de forma crítica?"*, indica:

> *" Sim quando vou começar uma tela já tenho em mente o que quero. Eu gosto muito do que Deleuze fala sobre a tela em branco, o problema não é que não tenha nada diante de uma tela em branco e sim porque Tem tudo. Lidar com pintura é lidar com a construção e actualização do momento, porque cada coisa que você pinta gera uma outra resposta. Aquela ideia fica pairando e você vai construindo com cada resposta, é um processo muito louco, mas dos que mais me tranquilizam. Todos os elementos são importantes; a composição, como aquela ideia vai ficar articulada dentro disso, o de experimentar coisas novas. Depois que exponho, é um alívio, vira autónomo, vai para o mundo. É um óptimo momento para avaliar seu trabalho e repensar os próximos."*

O reconhecido arquiteto Português, Siza Vieira, em entrevista concedida ao Jornal *"Expresso", em* 19 de Março 2016[10] perante a questão, "**c***omo parte para um projeto? Tem a mesma angústia do escritor perante a folha em branco?"*, respondeu:

---

[8] Site: http://faygaostrower.org.br/
[9] Retirado de: http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2013/03/22/1390/
[10] Retirado de: http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-03-27-Siza-Vieira.-A-reforma-da-uma-neura-terrivel

> *"Quando aparece um problema novo é preciso arrancar com novas ideias. Na maneira como trabalho ponho logo hipóteses. Umas mesmo para deitar fora, quase disparatadas, mas é uma maneira de abrir o leque de consideração daquele problema. É uma maneira de evitar o prefabricado. O desenho, o esquisso, permite muito rapidamente dar um giro pelas hipóteses que existem para resolver o problema, de uma forma ainda não sólida. Outros aspetos têm de ser amadurecidos, como de programa, de relação com quem promove o projeto, de estudo, de análise. Pode chamar-se a tudo isto angústia, embora seja um pouco exagerado, porque sabemos que vamos resolver o problema, melhor ou pior. Assim como o escritor sabe que vai escrever o livro. A angústia é um pouco romancear a situação. Não é um bloqueio. Será antes a procura."*

Segundo Tomás Taveira, em entrevista ao Jornal *"Correio da Manhã"* e publicada no *Jornal i*, em 3 de Agosto de 2015[11], disse nunca sentir a angústia da folha em branco:

> *"Estou sempre a inventar. Levanto-me entre as três e as quatro da manhã e até às sete horas, altura em que o motorista me vem buscar, estudo, leio, converso ao telefone com outros arquitectos e, quando surge um projecto, aplico uma ideia que já tenho em mente. […] A minha folha está sempre cheia".*

Sobre este assunto, observemos ao que nos deixou, um dos mais influentes poetas e escritores Portugueses, do século XX, Miguel Torga (1999:25):

> *"Vila Nova, 7 de Outubro de 1936 – Aqui na minha frente a folha branca do papel, à espera; dentro de mim esta angústia, à espera: e nada escrevo. A vida não é para se escrever. A vida — esta intimidade profunda, este ser sem remédio, esta noite de pesadelo que nem se chega a saber ao certo porque foi assim — é para se viver, não é para se fazer dela literatura."*

Para enriquecer um pouco mais esta breve revisão, encontrámos alguns comentários de vários escritores, aquando da realização da 10ª edição do *"Correntes d'Escritas"*[12], realizado em

[11] Retirado de: https://ionline.sapo.pt/405416

12 de Fevereiro de 2009, durante uma mesa subordinada à temática "*O que fazem os escritores perante a folha em branco?"*[13].

Nesta mesa, participaram seis escritores nacionais e internacionais: Amílcar Bettega, Ângela Ramos Diaz, Germano Almeida, Héctor Abad Faciolince, Hélder Macedo e Teolinda Gersão, que falaram dos sentimentos que associam ao acto de escrever, quando estão perante a *"folha em branco".*

Para o escritor Brasileiro Amílcar Bettega, quando se começa a escrever, *"a folha em branco"* é encarada de diferentes formas, há quem escreva *"contra o vazio e no vazio"*, sendo que no seu caso e "ao contrário de muitos escritores *que são verdadeiras torrentes de palavras que escrevem muito"* é possuidor de uma escrita *"magra, rarefeita, a conta-gotas. Escrever é um pouco isso, um caminho torto"* em que está sempre presente *"a inquietação da busca por algo diferente".* Para este engenheiro civil de formação, mas posteriormente escritor, por vocação, chega a afirmar:

> *" (...) vejo-me paralisado, tomado por um sentimento de vacuidade cada vez que tenho que escrever um texto, seja uma rápida comunicação de quinze minutos para um evento literário como este, seja uma página do conto ou do romance no qual, apesar da dificuldade, insisto em continuar trabalhando."*

Para a Espanhola, Ângela Ramos Diaz, podem conjugar-se *"desânimo ou euforia"* e temor que resulta de *"forçar"* a *"inspiração",* sendo certo que *"falar do branco sobre o branco é como falar do abismo caindo nele".* Por outro lado e assumindo uma atitude diferente, o advogado e escritor "nas horas vagas", Cabo-Verdiano, Germano Almeida disse não sentir angústia quando começa a escrever. *"Tenho tantas coisas para fazer que quando não consigo escrever levanto-me e vou fazer outra coisa".*

O escritor Colombiano, Héctor Abad Faciolince, disse que "*Não me sento à espero que uma voz me dite algo. Quando me sento é porque já tenho uma ideia inicial, um personagem".* Este escritor, relembrou a freira que em tempos foi sua ama que dizia que temos no nosso ombro direito um anjinho branco que nos diz as coisas boas e no esquerdo um diabinho vermelho que

---

[12] O Encontro *"Correntes d´Escritas"*, é organizado pela Câmara Municipal de Póvoa de Varzim, encontra-se na sua 18ª Edição. Trata-se de um festival literário Português, sendo constituído por inúmeras actividades, que vão desde lançamentos de livros, a poesia, música, cinema, inúmeras conferências, sessões nas escolas, exposições, entre outras, vincando cada vez mais o seu lugar no panorama cultural nacional e internacional. Recentemente em Fevereiro de 2017, realizou-se a 18ª Edição.

[13] Retirado de: http://www.cm-pvarzim.pt/noticias/correntes-descritas-o-que-fazem-os-escritores-perante-a-folha-em-branco

nos sussurra as coisas más. Os nomes podem ser diferentes: a falta de modéstia e a autocrítica, mas, para Faciolince, a escrita *"é um combate permanente entre os dois".*

Para o escritor Português Hélder Macedo, possuidor de uma vasta obra publicada, quando escreve, começa por uma *"ideia nuclear, que geralmente é uma pessoa"*. Por fim, a escritora Portuguesa, Teolinda Gersão, contou que não dispensa *"aquela alegria das crianças, esse lado lúdico, de experimentação"* que por sucessivas tentativas levam o escritor a *"transmitir o seu olhar".* Para a autora, é como se a página em branco fosse uma *"parede que nós na melhor das hipóteses conseguimos transformar num vidro".*

Como se verifica, a reacção perante a folha/tela em branco ou sobre o início do processo criativo, é um assunto revestido de enorme complexidade, dependente de um número muito grande de factores intrínsecos e extrínsecos, que podem estimular ou inibir a criatividade e todo o processo criativo. Do trabalho solitário, à alegria, à inquietação, à angústia, do sentimento de vazio, à ausência de qualquer sentimento, ao chamanento que a obra despoleta, as respostas perante o espaço em branco, parecem não reunir consenso entre os diversos autores. Daí tudo poderá surgir.

De uma outra forma, podemos considerar que no espaço da folha em branco, as múltiplas **pulsões** são activadas. Este conceito, foi introduzido na psicologia oriundo das ideias psicanalíticas de Freud, que pela sua própria definição se apresenta como algo de uma enorme complexidade, levantando segundo Doron & Parot (2001: 630), desde há muito tempo, a numerosas controvérsias.

Nas palavras de Richard (2001:84), a pulsão é um conceito central, porque representa o *"fundo energético da personalidade".*

Inicialmente, por volta de 1910, numa primeira teorização, Freud fala nas pulsões sexuais e nas pulsões do eu ou pulsões de autoconservação, para posteriormente num segundo momento, em 1920, em *"Para Além do Principio do Prazer",* sofrer uma modificação, através da introdução da pulsão de morte (Tanatos). A partir daqui, a teoria pulsional compreende a vida psicológica em termos de um conflito entre a **pulsão de vida (Eros)** e a **pulsão de morte (Tanatos)**, entre criação e repetição. Mais tarde, publica uma obra *"Mal-estar na civilização"*, onde revela o seu pessimismo sobre o futuro da sociedade, a que seria trabalhado sobre a pulsão de morte (Freud, 1989, 1995).

Para Freud, as pulsões[14] eram primárias e inatas, sendo uma força motriz, de grande importância, no crescimento e no desenvolvimento integral do sujeito. O dualismo pulsional

[14] Hanna Segal, ao abordar a questão da dialéctica entre as pulsões de vida (Eros) e as pulsões de morte (Tanatos), e a sua relação existente na arte dita contemporânea, estabelece o diálogo entre a perfeição, a harmonia, o rítmico e o

indica-nos que a vida não será possível sem a integração de Eros e Tanatos. Da mesma forma, que existe criação, existe destruição, se ignorarmos a morte estaremos a ignorar a vida, já que uma não existe sem a outra.

Atendendo a que o mistério da vida acompanha o mistério da morte, pode-se dar a imagem de uma moeda de dupla face, onde os lados são complementares e onde de um lado se encontra Eros e no outro se encontra Tanatos. Um não se opõe ao outro, mas sim estão em constante relação e interacção, um com o outro, como numa dança. Se virarmos as costas a um lado da moeda, esta perde o seu valor unitário e estaremos a virar as costas à própria vida, o que se traduz em ficarmos sem par e não podermos dançar.

A palavra é integrar e não separar, pois só assim poderemos gerir a tensão que se gera, podendo desta forma aceder a novos caminhos, possibilitando um movimento de transcendência, entre satisfação – insatisfação, prazer – desprazer, amor – ódio, entre a vida e a morte. Da conciliação destas duas forças, nascerá o equilíbrio e o vigor emocional para se conseguir viver.

EROS	TANATOS
Pulsão de vida e sexual- Autoconservação	Pulsão de morte, ódio - Agressão
Visa atracção, coesão, estabilidade, sobrevivência	Visa a separação, a destruição, fragmentação
Expressa-se no amor, na construtividade	Expressa-se no ódio, na destrutividade
Venerado como deus da fertilidade	Vanitas
Equivalente Romanos – Cupido	--
Promove a crescimento – Cria, une, inclui	Promove a repetição – Destrói, desune, exclui
Regido pelo Principio Prazer – Estimula o sujeito na obtenção da satisfação e no desfrutar do prazer	Regido pelo Princípio da Realidade – Leva o sujeito a adiar o prazer, na busca da segurança

Principais características de Eros e Tanatos

Construção pelo autor do trabalho

Segundo Chetwynd (2004:142),

> *"Os deuses do amor em contraste com os deuses da morte: a vida humana desenrola-se entre os contrários – amor, nascimento, vida, doença, velhice, morte e decomposição – que nas profundezas do inconsciente se encontram interligados."*

belo, e o imperfeito, o arrítmico e o feio. Para a autora, não existe obra de arte sem a perfeição formal, assim como, não existe obra de arte sem a agressão (Segal, 1991).

No acto criativo, as pulsões são estimuladas através do confronto directo com o impulso criador e criativo, podemos afirmar que neste caso a folha em branco, funciona como um espaço seguro e protegido, um continente a explorar, zona que promove a evacuação, a catarse[15], a projecção dos medos, dos receios, das angústias[16], dos desejos, das próprias necessidades, mas que também permite efectuar o distanciamento necessário de nós próprios e a possibilidade de ver a realidade de uma outra forma.

Este espaço, é dotado de características específicas, que o tornam num espaço potencial, transformador e transformativo. O sujeito, o criador, perante o confronto com a ambiguidade da matéria, com a folha em branco, desde logo provoca nele uma **relação de proximidade e de ambivalência,** de aproximação e afastamento, entre o vazio e o cheio, a necessidade de ser preenchido, a ansiedade de estar perante um espaço, sem qualquer indício e sem qualquer indicação, ou rumo a seguir.

O criador, poderá sentir-se desamparado e até mesmo agitado e confuso, ou por outro lado poderá despertar nele uma enorme atracção e vontade de exploração, de conquista e facilmente passar por um processo mais fusional e de enamoramento com a obra.

Da experiência de caos, de desorganização, de bloqueio do vazio, da continuidade do nada, do incompleto, do infinito, do nada existir, do próprio silêncio, da folha sem cor, sem forma, sem cheiro, sem movimento, o sujeito encontra-se entregue a si mesmo, num espaço delimitado, pela própria dimensão da folha de papel, que se encontra "*despida*" e espera ser preenchida, espera receber vida.

Trata-se de um campo energético, onde tudo é possível e que graças ao jogo lúdico que aí se inicia, começa a ser preenchido, despertando o prazer, a alegria, a própria curiosidade que vai alimentar a criatividade do seu autor.

Neste espaço limitado, pelo tamanho da folha, pelas características do material, pelo próprio limite em termos de espaço e tempo da sessão, desde logo o sujeito se vê confrontado com um momento de dialéctica, por um lado encontra-se perante um espaço fértil, onde tudo poderá ser realizado, onde tudo é possível e por outro, terá de fazer escolhas, atrever-se, tomar uma decisão, assumir o risco de começar a expressar-se criativamente. Muitas vezes, em termos clínicos, é nesta fase que surgem alguns comentários, tais como:

---

[15] A palavra catarse, significa purgação, purificação, ou limpeza. Actualmente é utilizada em diversos contextos, sempre com o sinal de descarga, alívio e libertação. Para Aristóteles, a catarse ocorria através da arte trágica, do teatro, que actuava na alma do espectador purificando-o.

[16] A angústia poderá estar presente, quer numa fase inicial, aquando do início da criação, quer na fase terminal da sessão, sob a forma de medo de separação, quando o sujeito tem de terminar a criação e revela dificuldade em se separar da obra. Está também relacionada com a despedida da obra e da própria sessão. O final poderá ser vivenciado, de forma traumática, como uma espécie de morte.

a) Não sei o que fazer…

b) Não tenho jeito para isto…

c) Hoje não me apetece fazer nada …

Trata-se de comentários que são reveladores da presença dos mecanismos de defesa, que se fazem sentir e que normalmente estão relacionados com a situação de desconforto existencial de se encontrarem entregues a si próprios e de pensarem que não são capazes de fazer, ou fazer mal a proposta.

A experiência, tem-nos demonstrado que na maioria dos casos, basta uma palavra próxima, amiga e disponível, para superar esta fase de alguma ansiedade, insegurança, hesitação e dúvida.

Torna-se necessário desdramatizar a angústia da folha em branco, ajudar na escolha do material e caso seja necessário iniciar a tarefa em conjunto com o sujeito, para que este se aproxime, envolva com o material, se aproprie do espaço secreto que irá explorar e que paulatinamente se vai apropriando. De objecto de desprazer, passa-se rapidamente a objecto de prazer.

Como facilmente se depreenderá, esta vivência varia de situação para situação e de individuo, para individuo, sendo de realçar que caso a ansiedade seja muito elevada e não seja devidamente controlada, poderá inibir e bloquear toda a actividade exploratória, criativa, expressiva e artística.

Neste momento, é importante que exista silêncio, de forma a assegurar que a expressão criativa surja sem qualquer tipo de interferência ou mesmo condicionamento, que possa afectar a espontaneidade e a imersão dos sujeitos, nesta actividade.

Tal como Bertrand Lewin e mais tarde Khan falavam, em relação ao sonho (Pereira, 1999), podemos afirmar que a folha funciona como um *"écran",* onde o sujeito através de riscos e rabiscos, através da utilização de diferentes manchas de cores e formas representadas, vai projectar para fora dele, para a própria folha, as suas imagens, havendo uma actualização e re-actualização constante destas imagens, na medida em que cria e recria constantemente novas imagens.

"Écran", como pano de fundo no qual se destacam as imagens, como espaço imaginário activo, zona de experiência, dotado de propriedades de transformação, espaço dinâmico e interactivo.

"Écran" como imagem do seu próprio mundo, ao explorar o espaço da folha através do desenho, da pintura, da escrita, o sujeito vai conquistando-o, vai explorando-o. Como se torna evidente, esta conquista será diferente de individuo para individuo, de situação para situação. Por outro lado, permite a oportunidade a casais e familias, com maiores dificuldades na expressão dos seus problemas, de sairem do seu isolamento interno, do seu próprio mundo, através da comunicação não verbal realizada.

Nesta experiência de descoberta, de ampliação, libertação e transcendência, o indivíduo, graças à relação de proximidade e intimidade mantida, transforma a matéria e sai transformado. Através dos sentidos, dá sentido ao não sentido, ao vazio da folha e dá-lhe vida, cor e movimento. Do não-ser, da não existência, cria-se a possibilidade do vir-a-ser, do existir. Novas paisagens surgem, a interioridade é revelada e materializada através de uma imagem exterior, consegue-se dar forma e vida, sentido ao caos, ao sem sentido, sem qualquer indicação, rumo ou interpretação.

Para as arte-terapeutas Pain & Jarreau (1996:56), a criação de um objecto é sempre uma aventura, um desafio, sendo importante vencer a matéria, os materiais e a própria resistência do individuo. É necessário criar onde dantes nada existia, fazer sair a forma a partir do amorfo, dialogar com a matéria, com a obra.

Ao longo da actividade, a obra, o papel, os materiais, tornam-se num parceiro silencioso do sujeito, que com eles vai travando uma relação dialógica e dialéctica, próxima. Numa linguagem mais psicanalítica, o artista, o criador, será como que um parteiro da criação, estando a criatividade relacionada com a condição intima, simbolicamente uterina.

A obra criada será o produto, fruto da criação original e poderá ser vivenciada pelo sujeito criador, como um bebé simbólico. O contacto estabelecido com o suporte, com o material, com a folha branca, representa em termos metafóricos, a primeira relação objectal do sujeito, a vinculação consigo mesmo e com a obra a criar. A relação criador-obra, assemelha-se à relação mãe-criança.

A **abordagem freudiana** descreve a existência de dois diferentes modos de funcionamento mental, o **processo primário e secundário**. Enquanto o processo primário é arcaico e ilógico, sendo uma actividade mental característica do inconsciente e é regido pelo princípio do prazer, o processo secundário, característico do consciente, é regido pelo princípio da realidade, tendo por base uma lógica comum (Fuller, 1983).

Segundo estes pressupostos, o homem é mobilizado nas suas acções e pensamentos por desejos inconscientes, dos quais não tem conhecimento. Neste sentido, o sujeito perante uma folha em branco, encontra-se perante ele mesmo, num duplo movimento, de prazer – gozo e satisfação na manipulação dos materiais e de inquietação e sofrimento – desprazer, medo de estar

vivenciando esta situação, de fazer nascer alguma coisa. Como se observa, trata-se de um movimento integrador e integrativo, num terreno que pode ser fascinante, mas ao mesmo tempo hostil e ameaçador, integrar o prazer e o desprazer, num movimento construtivo, criativo e criador.

Trata-se de um processo evolutivo**,** que transita entre o biológico e o psicológico, entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, num vaivém constante, entre um comportamento mais primitivo e característico da espontaneidade infantil, do jogo lúdico e simbólico, do acto de criar, de desenhar, de pintar, de escrever um texto, de moldar um bocado de barro, de dramatizar uma cena, mais da esfera do inconsciente, para uma outra zona mais da esfera do comportamento do adulto, mais racional e consciente. Da esfera da coisa, passamos à esfera da palavra. Da satisfação dos instintos, passamos para a projecção, identificação, elaboração e a reparação da situação problema, do conflito existencial.

Esta posição dualista, não é estática, pressupõe um grande dinamismo psicodinâmico, que consiste num processo de maturação psíquica, que começa com a vinculação do sujeito à obra, como a vinculação da criança à figura materna. A folha em branco, tal como no desenvolvimento humano pode ser comparada à figura da mãe que assegura o cumprimento das necessidades básicas e a satisfação dos impulsos a eles associados.

Segundo Freud e posteriormente Melanie Klein, o seio da mãe constitui a primeira relação objectal do bebé, ou seja a primeira relação eu – outro. O bebé inicialmente teria uma primeira relação objectal parcial, eu – seio da mãe, e só depois é integrada a relação total da mãe como um outro total e inteiro, fazendo-se a diferenciação da individualidade da realidade do eu, em contrapartida da realidade do outro. Esta primeira relação objectal, revela-se de extrema importância para a formação e o desenvolvimento do eu funcional e saudável (Segal, 1975).

Este movimento energético pode ser comparado a um estado de fluir da energia biológica para a espiritual, transitando pela psicológica, que se não encontrar barreiras na sua passagem permitirá que a força criativa seja estimulada e que a energia psicológica não fique reprimida.

Sobre este assunto, observemos os comentários efectuados pela artista plástica Brasileira, Beatriz Milhazes ao abordar a questão da *"arte de trabalhar com espaços brancos"*[17]. A artista revelou que sempre que pensa em pinturas na superfície branca, plana, sem imagem, onde o artista pode desenvolver as suas ideias, sente-se fascinada pelo espaço vazio da tela em branco. *"É um espaço que é só seu e que pode ser feito ali o que quiser. Uma relação mágica, quase infantil".* Neste trabalho, encontra o desafio de unir dois mundos distintos: a arte e os seus interesses pessoais, *"é muito difícil de aproximá-los em relação ao pictórico".*

[17] Retirado de: http://www.26bienal.org.br/noticias/26palestra-02.asp

PROCESSO PRIMÁRIO ⟷	PROCESSO SECUNDÁRIO
Subjectivo, imagético, pertence à realidade interna	Objectivo, concreto, pertence à realidade externa
Emocional, Primitivo, Holístico	Lógico, Analítico
Irracional, Emocional, Inconsciente, Biológico	Intelectual, Racional, Consciente, Psicológico
Mundo dos Desejos, Riscos, Paixões e Impulsos	Munda da Estabilidade e da Ordenação
Intuição	Conhecimento
Regido pelo Principio Prazer	Regido pelo Princípio da Realidade

Perspectiva Psicodinâmica

Construção pelo autor do trabalho

Este movimento é efectuado sob a esfera de um **jogo lúdico,** com regras próprias, mas não muito rigidas e concretas, permitindo a livre criação e expansão dos individuos, num clima de suporte afectivo, de segurança e de confiança.

Ao se abordar a questão do jogo, recordamo-nos do psiquiatra e psicanalista britânico **Donnald Winnicott** (1896-1971), que falou no viver criativo e na importância da brincadeira e do jogo, para o desenvolvimento da criança. Falou no objecto transicional, ou transitivo, para explicar que o terapeuta deve poder brincar e ter prazer nesse brincar. Falava na aptidão para brincar e para a criatividade, que permite a justaposição do mundo interior e exterior. Este autor, revelou-nos a importância do brincar na construção da realidade, chegando a afirmar que "*uma criança que não joga é uma criança doente*".

> " *É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o seu (eu) self*"
>
> Winnicott (1975)

Tal como Winnicott, acreditamos e defendemos que a alegria, o prazer de ser criativo, são fundamentais para o bem-estar e para o desenvolvimento harmonioso do casal e das famílias. Assim, através da utilização dum mediador expressivo e criativo, os sujeitos podem acordar e estimular a sua criatividade e descobrir aquilo a que Winnicott se referiu, como o seu verdadeiro self.

Para este autor, o espaço transicional é uma zona intermédia e sobreposta entre o inconsciente da mãe e do bebé, no qual o desenvolvimento emocional, o brincar e a criatividade têm lugar. Neste caso, a expressão criativa funciona como um *"objecto transicional", ao*

propiciar uma ponte para o seu mundo, é uma actividade que se processa numa zona, de experiência que não faz parte da realidade interna nem externa, inserindo-se numa zona intermédia que está em contacto com as duas, tal como acontece com o símbolo, ponte entre a fantasia e a realidade.

Por outro lado, trata-se de um objecto transicional, já que de certa forma substitui o terapeuta, a transferência desloca-se do sujeito para a criação expressa na folha de papel, para os riscos e rabiscos criados, para as formas e figuras, para o cenário construido, transformando-se num campo interactivo, entre o corpo e a mente, entre a matéria e o espírito.

O pintor Espanhol Salvador Dali, um dos grandes representantes do surrealismo, possuidor de enorme talento e também de muita excentricidade, tendo por base os pressupostos Freudianos, realçou a importância da linguagem do inconsciente, no desenvolvimento da criatividade. Através do sonho, poder-se-ia produzir um maior número de imagens, longe do controlo da realidade.

Segundo Bernard Ewell[18], considerado como um dos grandes estudiosos da arte de Salvador Dali, o artista teria encontrado uma técnica como fonte de inspiração criativa. Depois do almoço, quando se sentia sonolento, sentava-se na sua cadeira, colocava uma tijela de metal no seu colo e segurava uma colher nas suas mãos. Quando começava a adormecer, a colher caia das suas mãos no prato e o som metálico, acordava-o. Neste estado de semi-adormecimento, entre o sono e a consciência, começava desde logo a criar, aproveitando o número infindável de imagens, que o estado de vigília lhe evocava.

Num linguagem mais Junguiana, a expressão criativa, permite unir as polaridades, funcionando como uma ponte que une as experiências objectivas (as que descrevem e explicam a realidade), com as experiências subjectivas (que a deforma, transforma e mesmo cria). Funciona como um espaço, onde o sujeito pode olhar e aprender a confiar, sem receios, nos aspectos sombrios de si e do(s) outro(s), do passado, presente e do futuro.

Na concepção Winnicotianna, a expressão criativa oferece ao sujeito um espaço de ilusão, onde a criação de fenómenos e objectos transicionais podem ocorrer, espaço para a projecção das próprias fantasias e representações psíquicas, espaço de criatividade, espaço existencial. Através deste, oferece-se a oportunidade para que o sujeito consiga romper com a ilusão da perfeição, da superioridade, da rigidificação e reencontre a sua expontâneidade, provocando o acordar e o despertar da imaginação e da criatividade, que há em cada um de nós.

Para Postic (1992: 22), o movimento dialéctico entre o imaginário e o racional é o que assegura o equilibrio dos individuos.

[18] Site: http://bernardewell.com/

Através do jogo estabelecido na folha em branco, entre matéria e criador, os casais e os elementos da família poderão criar uma Zona de Desenvolvimento Próximo, ZDP, na concepção Vygotskiana, onde poderão estimular diversas funções que podem estar a causar o conflito e a necessitar de amadurecimento, tais como a percepção, atenção, cognição, sensação e outras, além da constante activação e estimulação do simbólico e do imaginário, promovendo a superação dos momentos de crise, activando o processo criativo (Vygotsky, 2001).

O processo criativo pode também ser encarado como um elemento de transformação, surgindo em momentos de síntese mágica (Arieti, 1976). Este psiquiatra e psicanalista Italiano, Silvano Arieti (1914 – 1981), parte dos conceitos freudianos de processo primário e secundário do funcionamento humano, para referir que estes por si só não são suficientes para explicar os processos criativos, propondo assim um novo conceito, que designa como elemento terciário. A criatividade resultaria desta forma, da síntese entre o pensamento secundário e o pensamento primário, entre o consciente e o inconsciente, entre o objectivo e o subjectivo, a racionalidade e a emoção, entre o concreto e a imaginação, entre o conhecimento e a intuição, originando um terceiro elemento, novo, inesperado, diferente e original

O jogo, manifesta-se constantemente na vida do ser humano, de diversas formas, encontra-se presente nas relações sociais, no casal, na família, apenas sendo necessário a liberdade, a curiosidade, a escolha, envolve regras próprias, espaço e tempo definidos.

Através do jogo, facilita-se um momento de descontracção e relaxamento, um afrouxamento nos mecanismos de defesa, um momento de evasão e liberdade, da realidade, permitindo abordar aspectos mais conflituantes do casal e da família.

Neste espaço e tempo promovido pelo jogo criativo, os jogadores, o casal e a família, são conduzidos para um mundo da fantasia, sem medos, sem resistências, mundo do sonho e da ficção, onde tudo é permitido. Aqui podem ser surpreendidos e surpreender os outros.

Através da criatividade resultante do jogo desencadeado na folha em branco, incluído numa relação com características específicas, num seting terapêutico, conduzido por um técnico especializado nesta área, favorece-se a solução de conflitos que surgem entre casais e famílias.

Através da criação, surge a recriação, promovendo-se a consciencialização da problemática e a consequente transformação e renovação, no seio do casal e da família.

A construtividade e a destrutividade existem e encontram-se presentes em todas as relações conjugais e familiares, sendo que devem ser reconhecidas e compreendidas. Devem caminhar de mãos dadas em conexão e integração, sem medo de se darem a conhecer. Trata-se da arte da convivência entre os diferentes elementos, da dialéctica entre o amor-ódio, a paixão-razão, a vida-morte.

Todos temos personalidades diferentes, somos portadores da nossa própria história pessoal, temos desejos, paixões, sonhos, medos e sofrimentos, que devem ser partilhados e ouvidos pelo (s) outro (s), pela família.

A própria família, o viver em família, a relação construída, criada e recriada a todo o momento, irá estimular novas histórias, novas descobertas pulsionais, que não podem ser ocultadas, mas sim devem ser compartilhadas, na tentativa de se conseguir chegar a uma totalidade. A relação entre o *"eu"* e o *"não-eu"* desaparece, com a proximidade e a intimidade mantida entre os diversos elementos, deixa de existir o individual para se abraçar o colectivo, o sistema, o casal, a família, como um todo.

Esta relação é dinâmica, implica movimento, do interior para o exterior e vice-versa, daí estar sujeita a inúmeras oscilações, tentações e transformações. Caso contrário, não será um casal, nem tão pouco uma família.

Da mesma forma que o artista transforma a matéria bruta, o casal e a família, através da expressão artística, podem aceder à sua subjectividade, conseguem emergir e caminhar pelos seus mundos, por territórios desconhecidos e até mesmo inexplorados até aí, organizando-os e percepcionando-se de forma diferente, tomando consciência de si-mesmo, dos outros, da realidade envolvente, conseguem dar sentido ao difuso, dar voz ao que não conseguem comunicar através de palavras, rompendo com a situação de crise, com o silêncio, a apatia e os problemas que os afligem.

O invisivel, o incómodo, a crise, dá lugar ao visivel, à alegria, à estabilidade e à comunicação aberta e frontal. O não dito, transforma-se graças à expressão criativa, no dito, o anonimato e individual toma forma, cor e movimento, dá-se a conhecer e torna-se público, sendo partilhado, discutido e reflectido por todos os elementos do casal e da família.

Através do espaço potencial, espaço de transformação e de criatividade, consegue-se conter e elaborar a agressividade e a destrutividade. Através da acção criadora e criativa, estimula-se o acto de fazer morrer os velhos conceitos, as visões conflituantes e distorcidas do casal e da família, estimulando-se a liberdade. É necessário estar-se livre, para se poder fazer nascer e explorar diferentes perspectivas, sobre o conflito do casal e da família, de forma original e inovadora.

A própria folha em branco, activa este espaço potencial e funciona como um palco que põe a descoberto a multiplicidade do nosso próprio *"eu"*.

Conforme temos vindo a abordar ao longo deste artigo, trata-se de um **jogo,** que se aproxima muito do brincar simbólico, do brincar infantil. Jogo, sob a forma de uma brincadeira de produção imaginária, onde se tem de correr riscos, sofrimentos e prazeres, de **vida e de morte**, jogo que visa superar a morte, a agressividade, o confronto. Neste jogo, favorece-se a

abertura de novos espaços e novos mundos, numa atmosfera de grande ludicidade, de grande prazer na aventura da descoberta e da exploração criativa e criadora. Momento de auto-satisfação, de autovalorização, construtor de confiança, independência, autonomia e promotor de desenvolvimento pessoal.

A acção, o agir intencional substitui o pensar, abrindo portas para o pensar reflexivo, para o meta pensamento, para o pensar sobre o próprio pensamento. Elaboração para a transformação do vivenciado, renovação, recriação e metamorfose.

Tudo isto, graças às inúmeras potencialidades criativas e criadoras do Homem. Importa realçar que em todo este movimento, o que interessa é o processo e não o produto final. Quer isto dizer que interpretações, concepções estéticas de feio ou bonito, certo ou errado e juízos de valor são afastados e até mesmo são prejudiciais para que o fluxo criativo surja. Interessa isso sim, facilitar a promoção de novos espaços de expressão criativa, onde a aceitação-compreensão-afecto-amor predominem. Estamos a falar na abertura de novas portas – caminhos – territórios – zonas de desenvolvimento próximo – espaços de criatividade, onde a expressão e a arte se dêem a conhecer.

Espaços entre o externo e o interno, objectivo e o subjectivo, consciente e o inconsciente, entre a racionalidade e a emoção, entre o concreto e a imaginação, entre o conhecimento e a intuição, entre Eros e Tanatos, entre o **pensamento apolíneo e o dionisíaco**, entre o pensamento convergente e divergente, entre o pensamento vertical e lateral, se possam dar a conhecer e reflectir em conjunto numa relação dinâmica, dialéctica e dialógica.

APOLO	DIONÍSIO
Estabilidade, ordenação, lógica do dever	Desejo, risco, paixões, impulsos, excitação, folia
Ser puro, consonante, visível, racional	Ser Impuro, dissonante, oculto, emocional
Razão consciente, ponderação, harmonia	Irracionalidade inconsciente, instintos naturais
Deus da iluminação, jovem belo, nunca envelhece	Deus do vinho – do êxtase, embriaguez, insanidade
Ideal da sabedoria e do equilíbrio	Excesso, vontade de transgredir, quebrar regras,

Dualidade da existência humana: Apolo e Dionísio

Construção pelo autor do trabalho

Podemos fazer uma comparação entre o pensamento do filósofo Alemão, Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), com as ideias do médico Sigmund Freud (1856 – 1939), sobre as bases, os processos sobre os quais se edificam as acções humanas. Se na psicanálise, o Id é regido pelo

princípio do prazer e o Ego, pelo princípio da realidade, em Nietzsche, o mesmo acontece com Dionísio – a embriaguez e a alegria, e em Apolo – a perfeição e a moderação. Ambos, recorreram à simbologia da **mitologia**[19] **grega** para fundamentar as suas ideias e pressupostos, demonstrando a dualidade da existência humana, que oscila entre a razão consciente e a irracionalidade inconsciente.

Através das figuras de **Apolo e Dionísio,** pode-se representar o conflito que se passa no interior do psiquismo humano, entre o princípio da racionalidade, da estabilidade e da ordenação e o princípio dos desejos, dos riscos, das paixões e dos impulsos. Neste sentido, a criatividade só ocorre quando estas duas polaridades, Apolo e Dionisio se fazem sentir, quando conseguem operar entre si.

Trata-se de unir duas coisas que se encontravam separadas, contraditórios e ambivalentes, dando origem a uma terceira. Esta estabilidade que resulta da integração do conflito existente, surge de forma disfarçada e incompleta, pelo acto de criação, dando a ilusão de uma totalidade.

A criação e a morte, a beleza e o sofrimento, fazem parte de uma mesma unidade, que implica infinitas mortes e renascimentos. Trata-se do reconhecimento de que somos seres que estamos em constante processo de transformação, estamos abertos ao interior e ao exterior, construímo-nos e reconstruimos-nos graças a múltiplas interacção: conosco próprios, com o meio e com os outros.

A razão tem de ser desassossegada pela imaginação, ou seja Dionisio trava um diálogo intimo com Apolo, de forma a que a razão se suplante a si-mesma, transcende-se, torna-se aberta, aventureira, plural, criadora e criativa. Como se verifica, a razão não pode ser afastada da imaginação criadora, têm de caminhar lado a lado.

Lembramo-nos do pintor Espanhol Picasso, que segundo o biógrafo Pierre Daix *"tinha uma compulsão para fazer experiências – experimentar formas de composição variadas, desenhar o mesmo objecto a partir de vários ângulos, e capturar emoções contrastantes, incluindo algumas que eram muito evocativas e dramáticas"*(Gamez, 1996:80). Para o artista, a arte era um processo de construção e reconstrução constante. Chegou a afirmar que *"todo ato de criação é, antes de tudo, um ato de destruição".*

[19] Ao longo dos tempos o Homem tem vindo a tentar explicar as questões universais da natureza humana, recorrendo para isso ao poder da linguagem simbólica dos mitos. Os mitos são histórias milenares, carregadas de significados e significações diferentes de povos para povos, de época para época, que fazem parte da cultura de um povo e que enriquecem o imaginário colectivo. Destes mitos, várias ciências, cientistas, artistas, escritores, músicos e diversos autores se têm socorrido, para fundamentar os seus trabalhos, servindo como metáforas ilustrativas na tentativa de melhor compreensão de questões universais referente à condição humana, nos seus diversos trabalhos. Podemos referir Freud, com o Complexo de Édipo e Nietzsche com os mitos de Apolo e Dionísio. Freud recorre às pulsões de vida e de morte, Nietzsche recorre mais ao orgânico e ao inorgânico, na sua análise.

Quer isto dizer, que é necessário quebrar padrões, para se conseguir descobrir novos caminhos e gerar novas ideias, é necessário transgredir, sair do cómodo, do conhecido, desafiar as regras, as normas, implicando uma postura rebelde, revolucionária. A destruição, implica a renovação e a transformação. Só assim o sujeito evolui, só assim a sociedade avança e progride. Destruir, equivale a questionar as normas antigas, olhar para as coisas como se fosse a primeira vez, modificá-las, criar novas abordagens, com um espirito inquieto e insatisfeito.

No caso do casal e da família, graças à expressão criativa, tornam-se autênticos exploradores criativos, conseguem representar de uma outra forma, menos intrusiva e mais facilitadora, com maior prazer, a vivência específica da sua problemática, estimulando o respeito, a compreensão, a valorização da condição humana e de humanização.

Torna-se necessário desconstruir e reconstruir a teia da complexidade em que vivem, já que na maior parte dos casos encontram-se perdidos e/ou aprisionados no seu mundo, onde muitas das vezes reina a instabilidade e a confusão, a desarmonia e até mesmo a fragmentação e o caos. Através da expressão criativa e artística, consegue-se quebrar e ultrapassar estados de solidão – isolamento – abandono – silêncio – desorganização e permite-se superar os desafios, as crises e dificuldade expressivas, através da palavra, permitindo que o casal e a família, possam experimentar de forma vivencial, diferentes formas de comunicarem e chegarem uns aos outros.

A partir do momento em que todos somos dotados de capacidade criativa, todos somos seres criadores por excelência, facilmente se comprende que a criação é por si só, um acto de saúde, de crescimento, harmonia e bem-estar.

Viver é criar e criar é viver, mas também morrer e renascer. Quem vive e não cria, vive uma vida fechada, aprisionada, sem vida, triste, inibida, sem rumo, rigidificada, estéril e com pouco significado, motivação e interesse na própria vida e no viver. È necessário divergir, criar, deixar-se surpreender pela vida e não estar parado na vida.

O ser humano é por natureza, um ser autopoiético (Maturana & Varela, 1995), ao que acrescentamos, ser ludopoiético e mitopoiético.

Vida é acção, inspiração, criação, respiração, exploração, sensação, intuição, reflexão, motivação, renovação, muita emoção e transpiração, acompanhada pelo prazer e alegria, mas também pela tristeza e sofrimento.

Viver em casal ou em família é uma arte e a arte é indissociável da vida, assim como a criação não se pode separar de quem a cria e da expressão vivencial dos seus autores.

Sendo a arte vital no processo de Humanização e no processo de cuidar do ser humano, ela será fundamental para que o casal e a família consigam indentificar, elaborar e reparar as suas feridas.

Contribui na ampliação da liberdade, da espontaneidade dos elementos, facilita a comunicação entre as diferentes partes, estimula o diálogo e a relação entre a familia e o mundo (família-comunidade-sociedade), ajuda na percepção, na compreensão e análise do si-mesmo, estimula a capacidade de concentração e reflexão, promove a aceitação da responsabilidade, facilita a autonomia e a valorização pessoal e social.

Por outro lado, sendo as actividades realizadas por todos os elementos do casal e da família, em grupo, a socialização é muito estimulada e com ela surge o sentimento de pertença, consigo, com os outros, o reconhecimento entre os diversos elementos da família. A par da aceitação-valorização e da inclusão, surge a integração e posteriormente a reintegração.

Através de diversas actividades expressivas e artísticas, baseadas numa abordagem fenomenológica, assente em princípios humanistas, na qual se reconhece e valoriza todo o potencial criativo e criador, de aceitação incondicional, respeitando a subjectividade, a individualidade, a autonomia, a liberdade e a responsabilidade de cada um, realizadas num ambiente securizante, continente e contentor, tal como Rogers preconizava (Rogers, 1983, 1985), conseguimos ajudar os casais e as famílias em situações de ruptura e de crise.

Da mesma forma que o artista, o criador, consegue vencer a matéria bruta e vai paulatinamente explorando a folha em branco, deixando a sua marca, no caso das famílias e dos casais, graças à intervenção através da expressão criativa, consegue-se desbloquar situações mais dificieis de ultrapassar, conseguindo-se dar voz a situações que são dificeis de verbalizar por palavras. Através da arte, consegue-se desencadear nestes elementos, um movimento de sair de si, num processo de vir a ser, contribuindo para a sua felicidade, para a auto-realização, a valorização e desenvolvimento pessoal e social.

Em contexto de casal e de famílias, a expressão criativa e artística permite que o sujeito se transforme num verdadeiro artista, num ser construtor e criador, conseguindo assim aceder a uma nova forma de se cuidar e de ser cuidado, revelando e aceitando as diferentes singularidades, as subjectividades, humanizando-se a si e aos outros.

Preparando-nos para terminar

Como facilmente se depreenderá, o casal e as famílias, não podem ser dissociadas, do momento actual pelo qual a sociedade contemporânea passa, que é caracterizado por constantes crises sociais, políticas, económicas e culturais, que desencadeam no ser humano, um clima de grande pressão, instabilidade, incerteza e dúvida, em relação ao futuro. Neste contexto, a construção familiar é muitas das vezes adiada e até mesmo suspensa, devido à precariedade, ao

desemprego, à falta de oportunidades, mas também em prol da competividade, do sucesso individual, da estabilidade e da ascensão profissional.

Assiste-se hoje cada vez mais, a uma constante transformação do casal e das famílias ditas tradicionais. É visivel o crescente aumento de número de mães solteiras, do número de divórcios, reflexo das conquistas das mulheres que lhes assegura maior estabilidade financeira, da existência de famílias monoparentais, de casais que vivem em casas separadas, casais que vivem com os pais, de uniões de casais com filhos, de relações abertas e homosexuais, de relações poliamorosas, passando pela diminuição do número de filhos na familia.

Tratam-se de realidades, que nos colocam inumeras questões e que põem cada vez mais a tónica no respeito pela liberdade e pela escolha individual, mas que também nos alertam para a necessidade do casal e da família se prevenirem e unirem, na tentativa da superação de conflitos, crises e fases problemáticas.

No campo terapêutico, perante estes enormes desafios, trata-se de conseguirmos intervir na dinâmica e na organização dos casais e das famílias, na tentativa de restabelecer o equilibrio e o seu bem-estar. Viver em casal e em família, implica desde logo, aceitar as diferenças, aceitar e integrar as diferentes polaridades, aceitar possíveis encontros e desencontros, entre Eros e Tanatos, numa relação o mais harmoniosa e integrativa possível.

Da mesma forma que necessitamos de Apolo – enquanto ser que obedece às regras, precisamos de Dionísio – que as transgride, no sentido de sair da rotina e alcançar novos objectivos e novas conquistas.

Só no espaço intermédio entre Eros e Tanatos, entre vida e morte, entre amor e o ódio, entre união e desunião, entre o paradoxo e a ambivalência, entre o construtividade e a destrutividade, é que se consegue criar o (s) vínculo (s) forte (s) e sadio (s), para que o casal e a família possam promover a aceitação e a inclusão. Trata-se de binómios indestrutíveis reveladores da essência de cada um de nós.

Neste sentido e de forma a reflectirmos sobre a relação entre Eros e Tanatos: família e expressão criativa, foi efectuada, ao longo deste artigo, uma incursão na mitologia grega, tendo ao leme os personagens de Eros – Tanatos e Apolo – Dionísio.

Recorremos à metáfora da folha de papel em branco, do espaço vazio, para melhor visualização dos fenómenos psíquicos que ocorrem na expressão criativa e artística e que inseridos numa relação terapêutica, podem ser uma mais-valia para que o casal e a família ultrapassem as situações de crise. Por outro lado, a folha em branco, pode ser comparada com o casal e a família, pois da mesma forma que o artista, o ser criativo se defronta com uma infinidade de caminhos a seguir, ao longo da construção da obra, geradores de vários estados que podem ir desde a ansiedade, a angústia, a alegria, a surpresa de estar perante um espaço novo, o

viver em casal e em família, traz consigo um enorme manancial de dificuldades, aventuras, alegrias e tristezas. Não existe um livro de receites, existe isso sim, o aprender dia-a-dia, com a experiência vivencial da vida e da morte, do dar e receber, do sofrer e do lutar.

Viver em casal e em família, exige o constante confronto e ultrapassagem de estados de grande tensão e distensão. Inclui uma panóplia de sentimentos, desde a raiva, a zanga, a destruição, a construção, a reparação, a luta, o ódio, a alegria, o contentamento, o amor, a paixão, o prazer e o desprazer, entre a vida e a morte, que devem ser bem manejados e integrados, na relação entre todos os membros.

O conflito existente deverá ser encarado como um meio de inclusão e não de separação e exclusão, ou tal como defende Ostrower (2008), o conflito deverá ser encarado como uma condição facilitadora do crescimento.

Através da expressão criativa, consegue-se estimular a criação de uma zona transitiva, meta comunicacional, espaço de relação e vinculação, mas também de projecção, transferência, de transformação e de transcendência. Ao mesmo tempo, funciona como um espaço que promove a catarse, o encontro e o reencontro, a descoberta, mas também a reflexão, elaboração, reparação, renovação e a metamorfose.

Cada elemento do casal e da família é detentora das suas próprias singularidades, dotado de características únicas e de uma enorme subjectividade, daí que ao invés de ser reprimido e condenado, deverá ser reconhecido e estimulado nessa mesma relação.

Aceitar a diferença, implica aceitar a transformação, estar disponível a fazer mudanças, transições e descobrimentos, para que a relação cresça e se desenvolva, mas também aceitar que um não conseguirá crescer sem o outro. O todo, é constituído pela união das diferentes partes, que terão de dar e receber. Tornar-se-á imperativo, reconhecer esta incapacidade, esta limitação, a necessidade de que para se chegar ao todo é necessário trabalhar a dois, é necessário integrar, para criar a família.

Da mesma forma, que a vida do casal e da família se faz caminhando por caminhos e trilhos iluminados pelo amor, pelo desejo, a aventura e a conquista, temos de ter a consciência, que se cruzam e entrecruzam a todo o instante, com caminhos mais difíceis de transpor, onde existe a escuridão, a tristeza, o ódio, a agressividade e a própria morte, já que ambos fazem parte integrante da vida e da arte de viver.

É na aceitação da diferença e no reconhecimento da complementaridade que a relação do casal e da família se podem reforçar e alicerçar. A família, é a nossa força motriz, é onde nos constituímos enquanto pessoas, onde crescemos e nos desenvolvemos, onde construímos a nossa própria identidade, local de encontro e de desencontro, de relações e conexões e principalmente

de transformações. A família, é o palco que nos prepara para a vida. No seio da família comungamos a vida, as tristezas, as discussões, as zangas, as alegrias, o amor da própria vida.

Ao abordarmos o **amor,** para que este exista é necessário empenho de todas as partes do todo, para que o casal se una, é necessário que o enamoramento amoroso se prolongue a toda a vida. O mais normal, é que as pessoas se organizem enquanto casais e que construam as suas famílias com base numa relação de amor, de confiança e de respeito.

Para me constituir enquanto pessoa, eu preciso do outro. Trata-se de um processo de construção e de reconstrução, nesta edificação do casal e da família. Para conseguir amar o outro, eu preciso de ser amado. Ou dito de outra forma, na relação entre o casal e na família, é necessário ser cuidado e ser cuidador.

Todos nós enquanto pessoas e enquanto famílias precisamos da presença do (s) outro (s), sendo ao mesmo tempo fonte de desejo, de prazer, de amor, de tristeza e de sofrimento. Trata-se de uma relação que tem de ser construída de forma criativa e criadora, ao longo da vida.

Neste ponto em que nos aproximamos do fim, importa alertar que devido à natureza da temática abordada, ser tão complexa e ao mesmo tempo tão rica, exige da parte de todos nós: investigador e leitores, o reconhecimento e a consciência, de que se trata de uma obra aberta e incompleta, que reclama novas pesquisas e reflexões, tendo presente que os pressupostos em que se apoiam as ideias aqui expostas, são de natureza abstracta.

Aproveitamos para deixar duas reflexões, sob a forma de questionamento:

1) Se, para aceder ao Homem Universal e Total, temos de articular a razão, com a emoção, ou seja, se para entendermos a natureza humana, temos de conseguir conjugar a ordem e a racionalidade, versus desordem e paixão, de forma a poder representar a sua singularidade e a sua subjectividade, porque será que a cultura ocidental, continua a demonstrar um apreço maior por Apolo, ao invés de Dionísio, que continua a ser colocado à margem, numa sociedade, que valoriza a beleza, a racionalidade e a ordem?

2) Atendendo ao rumo que a sociedade actual está tomando, com a globalização, massificação, padronização, repetição e uniformização de hábitos e costumes, importa questionar qual a razão, porque levamos a vida nesta correria constante, neste barrulho ensurdecedor e apresentamos, na maior parte das vezes, tamanha dificuldade em lidar com o silêncio e com o vazio?

Para isso, nada melhor do que terminar, apelando às sábias e poéticas palavras, do conhecido médico, psicanalista e grande pedagogo Brasileiro, Ruben Alves (2006;102):

> *"A vida precisa do vazio: a lagarta dorme num vazio chamado casulo até se transformar em borboleta. A música precisa de um vazio chamado silêncio para ser ouvida. Um poema precisa do vazio da folha de papel em branco para ser escrito. É no vazio da jarra que se colocam flores.E as pessoas, para serem belas e amadas, precisam ter um vazio dentro delas. A maioria acha o contrário; pensa que o bom é ser cheio. Essas são as pessoas que se acham cheias de verdades e sabedoria e falam sem parar. São umas chatas! Bonitas são as pessoas que falam pouco e sabem escutar. A essas pessoas é fácil amar. Elas estão cheias de vazio. E é no vazio da distância que vive a saudade."*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alves, R. (2006). *Quando eu era menino*. São Paulo: Papirus Editora.

Arieti, S. (1976). *Creativity - The Magic Synthesis.* New York: Basic Books.

Chetwynd, T. (2004). *Dicionário dos símbolos.* Lisboa: Planeta Editora.

Debord, G. (1967). *A sociedade do espetáculo*. Digitalização da edição em pdf originária de www.geocities.com/projetoperiferia, 2003, consultado em Janeiro de 2013, em: http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html.

Deleuze, G & Guattari, F. (1992). *O que é a Filosofia?* Lisboa: Editorial Presença.

Doron, R. & Parot, F. (2001). *Dicionário de psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores.

Freud, S. (1989). *Textos essenciais da psicanálise – III. A estrutura da personalidade psíquica e a psicopatologia.* Mem-martins: Publicações Europa-América.

Freud, S. (1995). *Textos essenciais da psicanálise – I. O inconsciente, os sonhos e a vida pulsional.* Mem-martins: Publicações Europa-América.

Fuller, P. (1983). *Arte e Psicanálise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Goleman, D. e Kaufman, P. & Ray, M. (2000). *O espirito criativo*. São Paulo: Editora Cultrix.

Harvey, D. (1998). *A condição pós-moderna*. São Paulo: Layola.

Lewin, K. (1973). *Princípios de psicologia topológica*. São Paulo: Cultrix.

Lipovetsky, G. (1983). *A era do vazio. Lisboa*: Relógio D' Água, Editores.

Lipovetsky, G. (2010). *Felicidade paradoxal*. Lisboa: Edição 70.

Lipovetsky, G. (2012). *A sociedade da decepção*. Lisboa: Edição 70.

Maturana, H. E. & Varela, F. (1995): *A árvore do conhecimento.* São Paulo: Editorial Psy. Consultado em Janeiro de 2011 em:

http://escoladeredes.net/group/bibliotecahumbertomaturana

Ostrower, F. (2008). *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Editora Vozes.

Pain, S. & Jarreau, G. (1996). *Teoria e técnica da arte-terapia – a compreensão do sujeito*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Pereira, F. (1999). *Sonhar ainda - do sonho desejo- realizado ao sonho emblemático*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Postic, M. (1992). *O imaginário na relação pedagógica*. Colecção Biblioteca Básica de Educação e Ensino. Porto: Edições Asa.

Rego, J. D. F. C. A. (2013). *O peso no desenho: percepção, metáfora e substância*. Tese de Doutoramento em Belas-Artes, Especialidade de Desenho, apresentado à Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes. Consultado em:

http://repositorio.ul.pt/handle/10451/9311

Richard, M. (2001). *As correntes da Psicologia*. Lisboa: Instituto Piaget.

Rogers, C. (1983). *Um jeito de ser*. São Paulo: EPU.

Rogers, C. (1985). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores.

Segal, H. (1975). *Introdução à obra de Melanie Klein*. Colecção Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Segal, H. (1991). *Sonho, Fantasia e Arte*. Rio de Janeiro: Imago Editora, Ltda.

Torga, M. (1999). *Diário*. Vols. I a IV. Alfragide: Publicações Dom Quixote

Vygotsky, L. S. (2001). *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

Von Bertallanfy, L. (1972). General systems theory: a critical review. In Brishon, H. & Peters, G. Systems Behaviour. Londres: Open University Press.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.